

MUSEU : BIBLIOTECA

Data publicação

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Folha para Hemeroteca

22/3/89

Cl:

Assunto:



100 anos

Em agosto de 1893 começaram a ser detectados, na Hospedaria dos Imigrantes (Bairro do Brás, Capital), casos de uma moléstia

que se supunha fosse a cólera asiática (*cholera-morbus*). Foram constatados cinco casos entre imigrantes vindos nos vapores Colombo (entrado a 27 de julho), Provence (4 de agosto), Re Umberto (5) e Medoc (2). Dois doentes, do Colombo e do Provence, faleceram.

Seria epidemia? Na dúvida, resolveu-se de imediato estabelecer cordão sanitário em torno do edifício da hospedaria, na rua Visconde de Parnaíba. Existiam naquela data 700 imigrantes recolhidos à hospedaria. Mesmo com todas as providências, 22 pessoas foram atacadas pela cólera nos primeiros 15 dias.

Jorge Tibiriçá, secretário da Agricultura, *Comércio* e Obras Públicas, telegrafou no mesmo dia da constatação dos primeiros cinco casos para o agente oficial em Santos. Como resposta foi informado de que estavam no Litoral 2.300 novos imigrantes, em boas condições de saúde. A cólera, de qualquer modo, grassava com intensidade na Europa, em especial nos portos do Mediterrâneo onde embarcavam os imigrantes que vinham ao Brasil. Temia-se pelo pior.



Trenzinho liga duas cidades

O bondinho (ou trenzinho) dos Pujol interligava a estação de Santo André à praça Lauro Gomes, na rua Marechal Deodoro, em São Bernardo — que na época não era praça mas sim uma área baldia atrás do velho casarão do Grupo Escolar onde os cavalos da Prefeitura ficavam.

A linha do bondinho, depois de pegar a rua General Glicério, subir a Coronel Oliveira Lima e pegar a rua Fernando Prestes, subia por um aterro que começava onde está hoje o Hospital Brasil. Em direção a São Bernardo, passava pela atual Vila Apiaí, atrás da KS Pistões (Santo André) e pela rua Tales dos Santos Freire (atrás do supermercado Eldorado, já em São Bernardo). Depois seguia em direção à rua Marechal Deodoro.

Quem dá todas estas informações é Olga Irma Bernardo, de

87 anos, uma das primeiras moradoras da avenida Pereira Barreto, trecho de Santo André. Ela lembra quando os trilhos do ramal ferroviário foram instalados, em meados da década de 20. Lembra até dos dormentes que estão da foto e que mostram trecho da construção, junto à área onde está hoje a KS Pistões. O bondinho chegou a correr entre Santo André e São Bernardo mas não teve vida longa. Terminou antes do final da década de 20.

Dona Olga lembra que a avenida Gilda, naquele tempo, era chamada de estrada das Carroças. E lembra de Faria, que tinha vacaria no trecho e servia leite pela cidade. O aterro onde está hoje o Hospital Brasil foi feito por um espanhol. Cortar lenha para usar em fogão era tarefa comum. As casas tinham chaminés.